

Do micro ao macrossocial: discutindo potências e limites de projetos sociais com a aula de música da Casa Amarela, Morro da Providência

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: ST 08

Karin Peres Verthein

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

karinverthein@gmail.com

Resumo. Atualmente, os projetos sociais de ensino de música têm um valor socialmente reconhecido, sendo promovidos por instituições, bem como pela mídia hegemônica. Entre as justificativas para o financiamento dessas iniciativas, vemos a ideia de que o ensino de música oferecido por projetos sociais tem um *poder transformador*. Nesta pesquisa, nos propomos a questionar a visão que exalta esses projetos, resumindo-os a seus aspectos positivos na vida social. Assim, entendendo as lutas da sociedade civil como imprescindíveis para, no curto prazo, promover avanços nos direitos sociais e, em médio e longo prazos, transformar a ordem estabelecida, esta pesquisa foi desenvolvida, colaborativamente, com trabalhadores/as da Casa Amarela, instituição do “terceiro setor” que atua no Morro da Providência, cidade do Rio de Janeiro. O objetivo principal foi estabelecer uma relação entre aspectos micro e macrossociais, para discutir, criticamente, potências e limites do ensino de música em projetos sociais. Concluímos, a partir dos debates travados com os dados deste campo etnográfico, que as trajetórias de vida do/as participante(s) da pesquisa apontaram para a relevância de projetos sociais na promoção de mudanças positivas localizadas, ou seja, nas vidas de pessoas e grupos. Entretanto, ao observarmos os dados da precarização do trabalho que emergiram do campo etnográfico, concluímos que eles representam uma contradição desses projetos, uma vez que esse aspecto é inerente ao “terceiro setor”, entendido aqui como uma expressão do processo global de avanço da agenda neoliberal. Nesse sentido, a produção de consenso se apresenta como um caminho que justifique a implementação dessa agenda.

Palavras-chave. Projetos sociais de ensino de música, Terceiro setor, Precarização do trabalho, Criticidade.

Title. Discussing the Powers and Limits of Social Projects with the Music Class at Casa Amarela, Morro da Providência

Abstract. Currently, social music teaching projects have a socially recognized value, being promoted by institutions, as well as by the hegemonic media. Among different justifications for financing these initiatives, we often testify the idea that the music teaching offered by social projects has a transformative capacity. In this research, we propose questioning the vision that exalts social music teaching projects, summarizing them to their positive aspects in social life. Thus, understanding the struggles of civil society as essential aspects to, in the short term, promote advances in social rights and, in medium and long term, transform the established order, this research was developed, collaboratively, with workers from Casa Amarela, an institution of the “third sector” that operates at the top of Morro da Providência, in the city of Rio de Janeiro. The main objective was to establish a relationship between micro and macrosocial aspects, to critically discuss the strengths and



limits of music teaching in social projects. As a conclusion, based on the debates held with the data from this ethnographic field, that the life trajectories of the research participants pointed to the relevance of social projects – when they promote a welcoming space for the construction of critical thinking and senses of solidarity – in promoting positive changes in the lives of people and groups. However, when we observe the data on the precariousness of work that emerged from the ethnographic field in question, we conclude that they represent a contradiction of these projects, since this aspect is inherent to the “third sector”, understood here as an expression of the global process of advancement of the neoliberal agenda. In this sense, the production of consensus presents itself as a path that socially justifies the implementation of this agenda.

Keywords. Music teaching social projects, Third sector, Precaritization of work, Criticality.

Introdução

Atualmente, os projetos sociais de educação, arte e cultura têm um valor socialmente reconhecido, sendo promovidos por instituições públicas e/ou privadas, bem como pela mídia hegemônica, que, com frequência, divulga e operacionaliza essas iniciativas. São inúmeros os projetos relacionados à educação musical, cujo discurso se alinha ao compromisso de reduzir processos sociais de exclusão pelo exercício da cidadania (KLEBER, 2006, p. 18). Nesse contexto, tem destaque o ensino da música de concerto, com enfoque nos instrumentos de cordas friccionadas.

Três décadas após a proliferação dos projetos sociais de ensino de música no país, atualmente, vemos diversos profissionais atuando no setor que os formou. No Projeto Música nas Escolas, da cidade de Barra Mansa (RJ), por exemplo, 85% dos/as professores/as vêm dessa iniciativa (BRANDT, 2020). A persistência e a abrangência desses projetos no país são garantidas, majoritariamente, pelas organizações não governamentais (ONGs), instituições do chamado “terceiro setor”¹ que são financiadas por governos e/ou grandes empresas, de diferentes âmbitos, como: energia, automobilístico, construção civil, bancos, mineradoras, entre

¹ “Terceiro setor” é um termo originado nos Estados Unidos, na década de 1970, que propõe um recorte do social em três esferas: o Estado (“primeiro setor”), o mercado (“segundo setor”) e a sociedade civil (“terceiro setor”). Para Carlos Montaña (2003, p. 53), esse termo objetiva criar uma suposta ideia de autonomia na dinâmica entre essas três esferas sociais, encobrindo as suas reais imbricações, logo, ocultando a história da constituição do Estado, sua forma atual, bem como os conflitos e interesses das classes sociais antagônicas que o permeiam. Porque esse é um conceito que surge com a função de promover um conjunto de ideias que desarticulam a totalidade social e, portanto, encobrem o real, o autor opta por escrevê-lo entre aspas, forma que também foi adotada nesta pesquisa (MONTAÑO, 2003, p. 16-19).



outros. Entre as diferentes justificativas para o financiamento dessas iniciativas, vemos, com frequência, a ideia de que o ensino de música promovido pelos projetos sociais teria um “poder transformador” (FISCHER, 2012, p. 15).

A ideia de transformação, associada aos projetos sociais de ensino de música, também perpassa a academia. Kleber (2006, p. 24) tem uma visão positivada desses projetos, objetivando compreender de que forma a educação musical vem incidindo sobre o processo de transformação sociocultural de indivíduos e grupos sociais. Laíze Guazina (2011) possui uma visão mais crítica sobre esse assunto e reflete que os projetos sociais de ensino de música no Brasil atuam no necessário enfrentamento das desigualdades e exclusões sociais, tendo em vista os processos produzidos e/ou acirrados pelo capitalismo. Por outro lado, entende que é fato que as ONGs estão inseridas em uma estratégia política, econômica e social neoliberal, em que se percebe “a terceirização dos serviços do Estado, a precarização dos vínculos e condições de trabalho, o baixo investimento em políticas sociais e o direcionamento das ações estatais aos interesses de mercado” (GUAZINA, 2011, p. 7).

Nesta pesquisa, nos propomos a questionar a visão que exalta os projetos sociais de ensino de música resumindo-os a aspectos positivos no interior da vida social. Acreditamos que esse conjunto de ideias encobre complexidades e contradições que precisam ser desveladas. Nesse processo, observamos o campo etnográfico a que damos destaque fundamentado, entre outros autores, em Carlos Montaña (2003; 2014), que discute o “terceiro setor” como um fenômeno funcional ao atual processo de reestruturação do capital – ou seja, o neoliberalismo. Nesse sentido, o autor entende que, independentemente de ações localizadas, por parte de atores e instituições que efetivamente se comprometem com as classes populares e com a ampliação de direitos sociais, ambientais e trabalhistas, esse setor vem promovendo precarizações ao descentralizar serviços sociais e assistenciais e desvalorizar a força de trabalho pela redução dos salários, instabilidade do emprego e perda de direitos trabalhistas. Além disso, o “terceiro setor” vem apresentando (em comparação com as políticas estatais) menor controle sobre as contratações e a aplicação dos recursos, vem promovendo um conjunto de ideias que desarticulam a totalidade social, bem como vem esvaziando princípios fundamentais de solidariedade e responsabilidade coletiva (ou seja, a dimensão do direito universal do cidadão quanto a políticas sociais de qualidade). Nesse debate, Montaña ressalta, entretanto, que sua análise sobre o “terceiro setor” não significa desvalorização das lutas existentes no seu interior.



Ao contrário, o autor vê como imprescindível a participação ativa dos setores progressistas, populares e explorados no sistema social, como forma de, no curto prazo, enfrentar o atual processo de reestruturação do capital e, em médio e longo prazos, transformar a ordem (MONTAÑO, 2003, p. 263).

Nesse sentido, partindo da premissa de que “as lutas desenvolvidas na sociedade civil, e particularmente na sua cotidianidade, são absolutamente necessárias num processo de efetiva transformação social” (MONTAÑO, 2003, p. 264), esta pesquisa etnográfica foi realizada de maneira colaborativa, na aula de música oferecida pelo grupo Orquestra de Rua, na Casa Amarela, instituição que tem atuado, desde 2009, no topo do Morro da Providência, localizado na região portuária da cidade do Rio de Janeiro. As/os seguintes trabalhadoras/es da instituição participaram desta investigação: as professoras de música Gláucia Maciel e Juliane Souza, a coordenadora pedagógica Talita Milanez e o coordenador geral e professor de dança afro Ernane Ferreira – majoritariamente pessoas negras periféricas e formadas em projetos sociais.

A Casa Amarela é uma instituição do “terceiro setor” financiada pela fundação suíça CO Foundation, atendendo cerca de 120 “videntes”² de diferentes idades. A instituição se define como um centro de educação, arte e apoio social que visa “colaborar com o desenvolvimento humano e territorial, contribuindo com a redução do impacto social causado e mantido pela desassistência do Estado no morro” (CASA AMARELA PROVIDÊNCIA, 2023).

Diante desse panorama, nos perguntamos: como o/as participante(s) desta pesquisa enxergam o papel dos projetos sociais no passado, no presente e no futuro de suas vidas? De que maneira essas pessoas sofreram/sofrem e como elas resistiram/resistem às opressões estruturais nessas instituições? Profissionalmente, como lidam com a precarização dos vínculos e das condições de trabalho? No processo de assimilação das respostas a esses questionamentos, os relatos o/as participante(s) são relevantes para pensarmos os objetivos desta pesquisa, pois esmiúçam a realidade concreta da precarização vivida por eles, bem como descrevem suas estratégias de sobrevivência, priorizando um viés crítico da realidade.

Portanto, o objetivo principal desta investigação é estabelecer uma relação entre aspectos micro e macrosociais para discutir, criticamente, potências e limites do ensino de

² “Videntes” é a denominação utilizada pela Casa Amarela para designar os/as estudantes dos cursos oferecidos na instituição.



música em projetos sociais. Tal discussão enfoca as trajetórias de participante(s) desta pesquisa, de maneira que possamos observar a forma como desigualdades e discriminações sociais se expressam, concretamente, nos contextos em que os projetos sociais atuam. Nesse percurso, também refletimos sobre o impacto desses projetos nas vidas de pessoas e grupos. Debatesmos ainda a respeito das condições de trabalho na Casa Amarela e discutimos como as diferentes facetas da precarização do trabalho, conforme definidas por Montañó (2003) anteriormente, são uma contradição inerente aos projetos sociais de ensino de música. Convém destacar que, no trajeto de pesquisa percorrido, não deixamos de abordar um conjunto de ideias que dificultam a percepção de tais contradições.

Este artigo é parte das reflexões derivadas da dissertação de mestrado *Do micro ao macrossocial: discutindo potências e limites de projetos sociais com a aula de música da Casa Amarela, Morro da Providência* (VERTHEIN, 2024). Portanto, reflexões mais aprofundadas foram desenvolvidas nessa pesquisa.

Teoria e metodologia: articulando cultura e materialismo

Levando em consideração microprocessos e macroforças, esferas que se inter-relacionam (BURAWOY, 2014), refletimos, nesta pesquisa, sobre as complexidades existentes nos projetos sociais de ensino de música. Nessa perspectiva, o materialismo histórico-dialético se integra a esta etnografia, contribuindo com o aprofundamento do olhar sobre a realidade concreta do campo, ao passo que propõe alternativas para a superação dos problemas que são inerentes a esse espaço; para isso, buscamos examinar a inter-relação complexa entre cultura e materialismo (WILLIAMS, 2011).

O conceito de *racismo estrutural* é útil para esta etnografia realizada no alto do Morro da Providência, uma vez que, como teoria social, nos ajuda a pensar na maneira como se expressa, concretamente, essa forma de racismo na aula de música da Casa Amarela. Buscamos, assim, contribuir com a produção de conhecimento que reconhece a importância de, no bojo da luta antirracista, “além de [tomar] medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, [...] refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas” (ALMEIDA, 2019, p. 50. Adendo nosso).

Metodologicamente, esta pesquisa etnográfica dialoga com a tradição da observação participante, no que diz respeito à importância de a coleta de dados, no campo,



resultar de um contato direto e prolongado com o/as participante(s). De acordo com essa lógica, o convívio, tanto em momentos do cotidiano quanto em acontecimentos importantes, é fundamental para que o/a pesquisador/a observe e descreva o contexto com maior profundidade (MALINOWSKI, 1978, p. 21-22). Esta etnografia foi realizada entre outubro de 2022 e junho de 2024, tendo sido organizada segundo essa modalidade. Ao longo de 2023 (ano em que frequentamos a Casa Amarela com maior regularidade), os encontros com o/as participante(s) ocorreram, em média, uma vez por semana – nos horários da aula de música, mas também em outras ocasiões, tais como apresentações, festivais e passeios pedagógicos.

A metodologia desta pesquisa também se fundamenta no diálogo com a modalidade de pesquisa-ação participante, que busca produzir uma ciência social conectada às teorias e práticas presentes no campo (BORDA, 2006). Isso porque o estudo privilegia o posicionamento junto às pessoas participantes, que são profundamente atingidas por desigualdades e discriminações sociais.

Por fim, destacamos a conversa que esta pesquisa estabelece com o estudo de caso ampliado, buscando estabelecer, no processo, uma “ampliação do micro ao macro, ao identificar as forças macro que trabalham para conformar e reproduzir os processos sociais micro” (BURAWOY, 2014, p. 33). Esse método busca, no campo etnográfico, situações empíricas específicas para reconstruir determinada teoria, buscando seu aperfeiçoamento. Dessa maneira, a teoria social, com os diferentes conceitos que embasam o presente trabalho, adentra dialogicamente o campo, indo ao encontro dos pressupostos preconizados pela Casa Amarela, para que se possa, conjuntamente, refletir sobre a realidade concreta.

Para efetivar esses diálogos, foram utilizadas diferentes técnicas, como entrevistas semiestruturadas e registros fonográficos, fotográficos e audiovisuais – como forma de enriquecer a observação participante, registrada em diário de campo.

As situações descritas nesta pesquisa e discutidas em suas páginas, relativas aos projetos sociais de ensino de música, objetivam a construção de um olhar que vá além de análises restritas, voltadas, apenas, à realidade circunscrita neste campo etnográfico, bem como ao âmbito individual das pessoas nele envolvidas. Nesse sentido, convém ressaltar que mesmo os desafios encontrados em minha intervenção no contexto pesquisado foram considerados (BORDA, 2006; BURAWOY, 2014). Desejo, por fim, esclarecer meu pensamento de que a agência humana faz a história e tem, inclusive, o potencial de transformar a realidade, mediante



o desenvolvimento da crítica. Porém, as ações das pessoas estão determinadas por condições herdadas, que exercem pressões e limites sobre elas (WILLIAMS, 2011). Portanto, com esta pesquisa, busco examinar esses limites e potências, para, com a riqueza das reflexões produzidas conjuntamente, contribuir com uma produção de conhecimento que se propõe crítica e participativa (FREIRE, 2008).

O campo etnográfico: discutindo as trajetórias e as condições de trabalho de trabalhadores/as da Casa Amarela

A aula de música da Casa Amarela, bem como as trajetórias de vida dos/as pessoas que a fazem, interessam a esta pesquisa, entre outros aspectos, porque assumem uma postura crítica e questionadora, relacionando o trabalho de ensino no “terceiro setor” aos conflitos sociais existentes. O relato da trajetória de vida do coordenador geral da Casa Amarela Ernane Ferreira revela, entre outros temas, a consciência de que seus saberes e propósitos, como trabalhador, estão fortemente atravessados por sua origem, atingida por profundas desigualdades e discriminações sociais. As histórias de luta desse participante apontaram, também, para o potencial da educação e da cultura, com viés crítico, como um caminho para afastar o que Gramsci (2011) denomina como “leituras imediatas” do mundo:

O teatro começa a me dar reflexão e eu começo a refletir sobre as estruturas sociais. Eu tinha por volta de 17 anos quando eu comecei a entender que, talvez, o que estivesse errado era [fosse] a sociedade, e aí os questionamentos... [...] A reflexão veio pela arte, eu não poderia ter refletido sem a arte, sem ter contato com artistas, isso me fez entender que o que acontecia é que minha família *tava* sendo sufocada, tanto paterna quanto materna, só que esse grito veio muito por parte da minha avó, uma mulher preta de um metro e 80, aproximadamente, linda, feliz, mas amargurada, porque ela não podia trazer as reais alegrias dela, ela guardava na caixinha... Poucas lembranças... Coisas do congado... Tecidos típicos... Não podia... Toque de tambor, por exemplo, ela evitava, porque foram as primeiras violências das [às] quais ela foi submetida quando *teve* que descer da região dela pra região mais urbana. Que é essa fama de “macumbeira”, isso é um estigma muito forte em Minas Gerais e acredito que no Brasil [...]. E eu preciso fazer o caminho contrário, por mais que seja difícil... Eu tenho que fazer o caminho contrário porque talvez seja essa a minha função com a reflexão. Eu sou a primeira pessoa da minha família que *tá* tendo acesso a certas informações e eu tenho que fazer alguma coisa útil comigo e também por eles, com essas informações, por responsabilidade... (FERREIRA, 2023).



Levando em consideração o relato de Ernane, discutimos ainda, no campo da música, a importância de educadoras/as musicais perceberem e assumirem que a produção de conhecimento está intrinsecamente relacionada às experiências de vida dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico. Embora desafiador, buscar o diálogo entre os diferentes atores nele envolvidos é uma maneira de tentar garantir a presença das vozes individuais, convidando a diferença e o acolhimento a adentrarem os espaços de ensino (VERTHEIN; DAU; LOPES, 2021). Esse processo pode contribuir, ainda, para uma educação integrada ao contexto, aquela que interfere na realidade vivida para modificá-la (FREIRE, 2008).

Debatemos ainda, a partir dos relatos que surgiram do campo, contradições existentes nos discursos, ideias e práticas dos projetos sociais de ensino de música, observando, mais precisamente, como incidiu, neste campo etnográfico, a precarização do trabalho no “terceiro setor” e suas consequências negativas para a vida de trabalhadores/as e estudantes. Para isso, relatamos experiências atuais e passadas em projetos sociais das pessoas envolvidas nesta pesquisa para discutir quatro assuntos: sobretrabalho; trabalho voluntário; informalidade e baixa remuneração. Nesse percurso, relatamos como o atual projeto pedagógico da Casa Amarela, bem como suas condições de trabalho, são frutos de lutas da equipe de coordenadores/as e professores/as junto à direção e à fundação financiadora. Esses trabalhadores/as vêm, gradativamente, modificando a estrutura de trabalho da instituição, no sentido de tornar o seu projeto mais alinhado com as suas visões de mundo e suas necessidades.

Talita Milanez, coordenadora pedagógica da Casa Amarela, relatou a história recente da instituição. O projeto em debate busca alcançar, pedagogicamente, um “ambiente alfabetizador”, criando “referências de cidadania” e rompendo com a “perspectiva assistencialista” (MILANEZ, 2023). Talita reflete ainda sobre a importância da coletividade na luta pelo projeto dos/as trabalhadores/as da Casa Amarela:

O letramento racial ajudou muito, né? (...) Eu acho que isso trouxe muito essa concepção para a direção e essa abertura de entender “não, realmente eu não autorizaria meu filho a estar num espaço que não é adequado (...)”. Então, é esse processo mesmo, de construir e sair do lugar do racismo e construir um processo humanitário mesmo, de humanidade do outro, né? Como é que eu respeito a humanidade do outro? Mas isso exige muita tensão, mesmo, muita tensão política e muita tensão política, muitas... E a gente até... Tem alguns estudos que falam sobre isso, sobre a perspectiva do conflito, que o conflito é necessário pra gente poder avançar. [...] Todo mundo se reunir e falar “não”. [...] E só avançamos porque entendemos esse lugar potente do coletivo.



Porque eu, sozinha, falando isso tudo, não ia ter nenhum efeito (MILANEZ, 2023).

Nesse processo, os/as trabalhadores/as avançaram também na melhoria das condições de trabalho da Casa Amarela. Em relação ao trabalho voluntário que existia na instituição, a equipe conseguiu “deslocar essa perspectiva de trabalho, que é exploratória”, reivindicando alternativas para romper com essa “estrutura de desumanização” (MILANEZ, 2023). Sobre o trabalho voluntário no “terceiro setor”, Talita reflete:

O trabalho voluntário não garante continuidade porque o que garante continuidade é você ter uma garantia econômica, financeira. Dentro da realidade do Brasil, é essa. E ainda mais, quem é que vinha fazer trabalho voluntário? Geralmente, pessoas brancas, ricas ou pessoas de fora, que nem a mesma língua falava. Então, assim, qual é o processo de identificação das crianças, dos viventes que estão ali dentro com as pessoas que *tão* formando eles? Qual o processo de representatividade ali (MILANEZ, 2023)?

Debatemos, por fim, algumas ideias que têm aderência à ideologia do “terceiro setor” (MONTAÑO, 2014) que dificultam a percepção das contradições existentes nesse contexto. Nesse sentido, a professora de música da Casa Amarela Gláucia Maciel reflete sobre como a caridade é uma ideia que permeia os projetos sociais de ensino de música:

[...] acho que no projeto o racismo aparece de outras formas como a questão de eu ter tocado várias vezes 8 horas da manhã no domingo em igreja para pedir dinheiro para consertar o teto do projeto [...] e, querendo ou não, é vendendo nossa miséria né? Tipo, fica muito nítido, “ah porque são os pretinhos que vivem no morro, estão tendo acesso a isso e aí a gente precisa desse dinheiro”. Tipo, o que ele *tá* vendendo não é nossa música, ele *tá* vendendo a gente, né, o que a gente é. Aí o produto virou o quê? A nossa miséria, né, a situação de vulnerabilidade que a gente vive (MACIEL, 2023b).

Nesse mesmo sentido, a ideia de representatividade surge como aderente à ideologia do “terceiro setor”:



Isso é coisa do capitalismo, né? Que adora esvaziar o discurso, e que é importante para manter o sistema do jeito que ele é, né? Tipo, eles querem representatividade? Então vamos botar uma pessoa preta e pronto, toma representatividade. E aquela pessoa preta não tem voz, aquela pessoa preta sozinha não consegue resolver os problemas e a dinâmica daquele grupo, nem se tentasse, também, não ia conseguir porque ela também não vai ser escutada e, enfim... Então, acho que são técnicas do capitalismo *pra* poder apaziguar os conflitos (MACIEL, 2023b).

Refletindo, portanto, sobre as trajetórias de participantes e as variadas formas de precarização das condições de trabalho que emergem deste campo etnográfico, entendemos, com mais profundidade, a importância de se desenvolver uma crítica aos projetos sociais de ensino de música.

Considerações Finais

Nesta investigação, buscamos observar os projetos sociais de ensino de música para além do que é apresentado nos palcos como resultado musical que, frequentemente, impacta positivamente o público e a sociedade em geral. Ao estabelecer uma relação entre aspectos micro e macrosociais (BURAWOY, 2014) para discutir, criticamente, potências e limites do ensino de música em projetos sociais, nos deparamos com complexidades e contradições questionadoras do discurso corrente que atribui a essas iniciativas apenas aspectos positivados.

Nesse percurso, os relatos do/as trabalhador/as da Casa Amarela foram imprescindíveis para que se pudesse alcançar o objetivo principal desta investigação. Nesse sentido, valorizamos suas trajetórias, que nos ajudaram a compreender como se estabelecem, concretamente, situações de desigualdade e discriminação social, bem como as estratégias de sobrevivência experimentadas por pessoas profundamente atingidas pelos conflitos sociais brasileiros. Valorizamos, ainda, suas lutas atuais por melhorias nas condições de trabalho, que vem, por meio da apropriação de debates críticos e do fortalecimento do coletivo, resultando em significativos avanços na história recente da instituição. Assim, esta pesquisa endossa as vozes dos/as trabalhadores/as da Casa Amarela, representados/as pelo/as participante/s desta pesquisa, ao conferir visibilidade a um cotidiano de trabalho extremamente desafiador – devido



à realidade de desigualdade e discriminação social na qual estão inseridos – e que é continuamente atravessado por debates críticos, no sentido de buscar uma integração à realidade vivida (FREIRE, 2008). Assim, acreditamos que a participação ativa dos setores progressistas, populares e explorados no sistema social é um caminho para, no curto prazo, enfrentarmos o processo em curso de reestruturação do capital, representado pelo neoliberalismo, e, em médio e longo prazos, transformar a ordem (MONTAÑO, 2003, p. 259).

Relacionando essas experiências pessoais com fenômenos sociais mais amplos, concluímos que essas problemáticas não são vivências individuais; muito pelo contrário, elas atingem parte significativa da população brasileira, mais precisamente pessoas negras: “a precarização brasileira tem cor e origem” (SANTOS *apud* OLIVEIRA, 2021). Nesse sentido, refletimos sobre como essa precarização está fundamentada no racismo estrutural, um processo político e histórico que, segundo Almeida (2019, p. 21), “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”.

A discussão concluiu, a partir dos relatos das trajetórias de vida de participantes, que os projetos sociais – convém ressaltar, quando promotores de um espaço de acolhimento para a construção de pensamento crítico e de sentidos de solidariedade – como caminhos possíveis à promoção de mudanças positivas localizadas, ou seja, nas vidas de pessoas e grupos. Entretanto, os dados da precarização do trabalho, revelados neste campo etnográfico, são inerentes ao “terceiro setor” – entendido como uma política funcional ao atual processo de reestruturação do capital (MONTAÑO, 2003). Nesse sentido, refletimos que essa precarização não atravessa apenas a realidade circunscrita a campo, sendo um processo global que representa mais um avanço da agenda neoliberal. Nele, a produção de consenso se apresenta como um caminho para justificar um projeto que faz minguar direitos e conquistas trabalhistas, políticas e sociais (ALMEIDA 2019; WILLIAMS, 2011).

Assim, trazemos uma questão que pode contribuir com a produção de conhecimento relativa aos projetos sociais de ensino de música, levando em consideração a política do “terceiro setor” e suas contradições: o “terceiro setor” – que vem descentralizando serviços sociais e assistenciais; desvalorizando a força de trabalho pela redução dos salários, instabilidade do emprego e perda de direitos trabalhistas; apresentando (em comparação com as políticas estatais) menor controle sobre as contratações e a aplicação dos recursos;



promovendo um conjunto de ideias que desarticulam a totalidade social e esvaziando princípios fundamentais de solidariedade e responsabilidade coletiva (ou seja, a dimensão do direito universal do cidadão quanto a políticas sociais de qualidade) – pode ser *eficiente* no trato das complexas desigualdades e exclusões sociais brasileiras, que são estruturais porque herdadas do longo processo histórico de desenvolvimento do capitalismo, modo de produção que se fundamenta nessas mesmas desigualdade e exclusões?

Finalmente, valorizamos a potência dos diálogos travados com as pessoas participantes desta pesquisa e com os/as autores/as aqui evocados, que, se articulados com outras lutas sociais, podem oferecer caminhos efetivos para a transformação social. Assim, reconhecemos a importância de, como trabalhadores/as da música, caminhar em direção ao compromisso ético-político de um projeto de superação da nossa atual forma social.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Polen, 2019.

BORDA, Orlando Fals. La ciencia y el pueblo: nuevas reflexiones. In: *La investigación-acción participativa: inicios y desarrollos*. Madrid: Editorial Popular, 2006.

BRANDT, Maurette. A música das escolas ganha o mundo. *Revista Sinos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 23-24, 2020. Disponível em: https://musica.ufrj.br/images/pdf/Revista_Sinos_completo-1.pdf. Acesso em: 6 set. 2024.

BURAWOY, Michael. *Marxismo sociológico*: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. Tradução: Marcelo Cizaurre Guirau; Fernando Rogério Jardim. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2014.

CASA AMARELA PROVIDÊNCIA. Quem somos. *Casa Amarela Providência*. Rio de Janeiro, Casa Amarela, 2023. Disponível em: <http://www.canartchangetheworld.net/casaamarela/sobre-nos>. Acesso em: 6 set. 2024.

FERREIRA, Ernane. Entrevista do coordenador e professor de dança afro na Casa Amarela, cedida a Karin Verthein [falas gravadas e transcritas pela pesquisadora]. Rio de Janeiro: [S. n.], 2023.

FISCHER, Heloísa. Dossiê Cidadania Sinfônica. In: *Anuário VivaMúsica! 2012: o guia de negócios da música clássica do Brasil*. Rio de Janeiro: VivaMúsica! Edições, 2012. Disponível em: <http://vivamusica.com.br/wp-content/uploads/2016/04/anuario2012.pdf>. Acesso em: 6 set. 2024.



FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES (Brasil). Apresentação. In: FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES (Brasil). Gov.br. [Brasília, DF]: Funarte, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/funarte/pt-br/aceso-a-informacao-lai/institucional/institucional>. Acesso em: 5 set. 2024.

GRAMSCI, Antonio. Introdução ao estudo da filosofia. In: *O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935*. Organização e introdução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GUAZINA, Laíze. *Práticas musicais em organizações não governamentais: uma etnografia sobre a (re)invenção da vida*. 2011. Tese (Doutorado em Música) – Faculdade de Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

KLEBER, Magali Oliveira. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. 2006. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MACIEL, Gláucia da Silva. Entrevista da professora de música na Casa Amarela, cedida a Karin Verthein [falas gravadas e transcritas pela pesquisadora]. Rio de Janeiro: [S. n.], 2023b.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MILANEZ, Talita. Entrevista concedida a Karin Verthein durante a pesquisa de campo [falas gravadas e transcritas pela pesquisadora]. Rio de Janeiro: [S. n.], 2023.

MONTAÑO, Carlos. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MONTAÑO, Carlos. A constituição da ideologia e dos projetos do “terceiro setor”. In: MONTAÑO, Carlos (org.). *O canto da sereia: crítica à ideologia e aos projetos do “terceiro setor”*. São Paulo: Cortez, 2014.

OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Dandara, 2021.

VERTHEIN, Karin Peres. **Do micro ao macrossocial**: discutindo potências e limites dos projetos sociais com a aula de música da Casa Amarela, Morro da Providência. 2024. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/14376/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20FINAL%20Karin%20Peres%20Verthein_pdf_a.pdf?sequence=1&isAllowed=y



VERTHEIN, Karin Peres; DAU, Elizabeth Mendonça; LOPES, Rogério Barroso. *Pandemia, gênero e educação musical: reflexões sobre um currículo inclusivo e para o acolhimento*. In: NAS NUENS... CONGRESSO DE MÚSICA, 7., 2021, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

